

A escolha do representante

HILARIO SILVA

Thomas Forster, o médium principal da instituição espírita em Washington, era um veterano exigente.

Desejava enviar um representante do grupo a certo movimento de estudos doutrinários a realizar-se em Chicago, mas não queria fazê-lo sem minuciosa seleção.

— Quero um elemento puro, absolutamente puro, um cristão perfeito, se pudermos classificá-lo assim — dizia, agitando o dedo em riste, lembrando batuta em mãos de maestro nervoso.

— Mas você — falava Boland, o companheiro mais íntimo — não pode pedir o impossível. Os espíritos são homens e mulheres fazendo força na própria melhoria moral. Procuraremos um companheiro de hábitos simples, mas sem a preocupação de santidade.

Forster ria amarelo, mas não dava braço a torcer.

— Pode ser exigência minha, mas não mandaremos companheiro algum dos que eu conheça.

E num rasgo de rigorismo:

— Nem mesmo eu me considero apto. Lido com muitos negócios materiais e quero que a nossa casa se represente em Chicago por um espírita-cristão completo. Humilde, alfabetizado, amante dos sofredores e absolutamente arredado de todas as ilusões da Terra...

— Muito difícil — observava Boland, sorrindo —, onde encontrar essa ave rara, se estamos longe do Céu?

Forster lembrou que, durante quatro domingos consecutivos, enquanto pregava o Evangelho vira na última fila um homem de aspecto simpático, que não conhecia. Trajava-se com simplicidade, sem ser relaxado, mostrava olhar sereno, tipo evidentemente ponderado e esquivo a qualquer conversação ociosa.

Após ligeiro comentário, concluiu:

— Parece-me o homem ideal; se for um espírita de convicção, pelos modos que demonstra, será o representante adequado...

Combinaram, assim, ouvi-lo na próxima sessão domingueira.

No dia aprazado, lá estava o assistente desconhecido.

Enquanto Forster falava, Boland aproximou-se dele e pediu-lhe alguns minutos de atenção para depois.

E, finda a preleção, os dois amigos abeiraram-se dele.

A primeira indagação que lhe foi atirada, respondeu, calmo:

— Sim, estou fazendo o que posso para ser es-
pirita.

Forster continuou perguntando e ele prosseguiu
respondendo:

— O irmão tem vida mundana ativa?

— Quem sou eu, meu amigo? Ando em luta
contínua...

— Mas dedica-se aos sofredores?

— Tenho a vida entre os que choram.

— Escolheu, assim, o caminho da caridade
cristã?

— Como não, meu amigo? Ouvir aflições e estar
com os necessitados de conforto é meu simples
dever...

— E ajuda a todos, em sua noção de serviço
social?

— Devo servir a todos... ricos e pobres, justos
e injustos, moços e velhos. Não posso fazer dis-
tinação.

Encantado, o velho Thomas inquiriu, ainda:

— E o irmão procede assim espontaneamente?

O desconhecido sorriu e acentuou:

— Ah! até certo ponto... Se eu pudesse culti-
varia minhas festas e me afastaria, pelo menos um
pouco, de tantos sofrimentos e tantas lágrimas!...

Foi então que Forster veio a saber que o homem
trabalhava no antigo Fort Lincoln e desempenhava
as funções de coveiro.

(Washington, D.C., E.U.A., 9, Junho, 1965.)

Civilização e reino de Deus

EMMANUEL

"Interrogado pelos fariseus sobre quando
viria o reino de Deus, Jesus lhes respondeu:
Não vem o reino de Deus com aparências exte-
riores." — (LUCAS, 17:20.)

A Terra de hoje reúne povos de vanguarda na
esfera da inteligência.

Cidades enormes são usadas, à feição de ninhos
gigantescos de cimento e aço, por agrupamentos de
milhões de pessoas.

A energia elétrica assegura a circulação da for-
ça necessária à manutenção do trabalho e do confor-
to doméstico.

A Ciência garante a higiene.

O automóvel ganha tempo e encurta distâncias.

A imprensa e a radiotelevisão interligam milha-
res de criaturas num só instante, na mesma faixa de
pensamento.

A escola abrilhanta o cérebro.

A técnica orienta a indústria.

Os institutos sociais patrocinam os assuntos de
previdência e segurança.